

O poder das histórias: a jornada feminina rumo ao crescimento psicológico em um conto popular brasileiro

The power of stories: the feminine journey towards the psychological growth in a popular Brazilian Folk Tale

El poder de las historias: el viaje femenino hacia el crecimiento psicológico en un cuento popular brasileño

Recebido: 18/04/2022 | Revisado: 27/04/2022 | Aceito: 27/04/2022 | Publicado: 30/04/2022

Sarah Aline Roza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7777-7155>
Universidade Federal do Paraná, Brasil
E-mail: sarah.a.roza@gmail.com

Resumo

A relação entre a literatura e a psicologia, em particular com a psicanálise, é bastante ampla. Contos populares, à semelhança dos contos de fadas, apresentam diversos temas que podem se relacionar ao crescimento e bem-estar psicológico. O objetivo deste artigo é analisar, sob a perspectiva da psicanálise, um conto popular brasileiro de origem europeia, coletado por Silvio Romero e publicado no volume *Contos Populares do Brasil* (1954), que reúne contos populares brasileiros de origem europeia, indígena e africana. O artigo aborda um texto recolhido no Rio de Janeiro, *A mulher e a filha bonita*. Nesse contexto, optou-se por utilizar como arcabouço teórico as ideias propostas por Bettelheim (2003), Corso e Corso (2006) e Chevalier e Gueerbrant (2008), no sentido de perceber como imagens e conceitos presentes nesse conto revelam elementos da psique humana. O conto analisado, a saber, *A mulher e a filha bonita*, a partir da inveja materna, apresenta diversos temas presentes na psique feminina, dentre os quais, destacam-se o desejo de tornar-se companheira e mãe, desejos esses que requerem amadurecimento e mudanças internas importantes, os quais são visualizados nos embates da protagonista ao longo da construção da narrativa. O que fica evidente a partir da análise desenvolvida é uma transformação da menina em mulher, pois a protagonista enfrenta desafios, dilemas e crises que culminam em transformações e no amadurecimento de sua personalidade ao longo de sua jornada.

Palavras-chave: Psicanálise; Conto popular; Feminino.

Abstract

The association between literature and psychology, specifically with psychoanalysis, is quite broad. Folktales, like fairy tales, present several themes that can be related to growth and psychological well-being. The aim of this article is to analyze, under the perspective of psychoanalysis, a Brazilian popular tale from European origin, collected by Silvio Romero and published in the volume called *Contos Populares do Brasil* (1954), which brings together Brazilian folk tales of European, Indian and African origin. The article focuses in a story collected in Rio de Janeiro, namely, *A Mulher e a Filha bonita*. In this sense, it was decided to use as theoretical framework the ideas proposed by Bettelheim (2003), Corso and Corso (2006) and Chevalier and Gueerbrant (2008), in order to perceive how images and concepts present in this popular tale reveal elements of the human psyche. The tale analyzed, namely, *A Mulher e a Filha bonita*, from the beginning present the maternal envy, and after that several themes from the female psyche are presented, among which the desire to become a wife and a mother are highlighted, desires that require maturation and important internal changes, which are visualized in the protagonist's struggles throughout the construction of the narrative. What is evident from the analysis developed is a transformation of the girl into a woman, because the protagonist faces challenges, dilemmas and crises that result in a lot of transformations and the maturation of her personality throughout her journey.

Keywords: Psychoanalysis; Folk tale; Female.

Resumen

La relación entre la literatura y la psicología, en particular con el psicoanálisis, es bastante amplia. Los cuentos populares, al igual que los cuentos de hadas, presentan diversos temas que pueden relacionarse con el crecimiento y el bienestar psicológico. El objetivo de este artículo es analizar, bajo la perspectiva del psicoanálisis, un cuento popular brasileño de origen europeo, recogido por Silvio Romero y publicado en el volumen *Contos Populares Brasileiros* (1954), que reúne cuentos populares brasileños de origen europeo, indígena y africana. El artículo aborda un texto

recogido en Río de Janeiro, *A Mulher e a Filha bonita*. En este contexto, se optó por utilizar como marco teórico las ideas propuestas por Bettelheim (2003), Corso y Corso (2006) y Chevalier y Gueerbrant (2008), en el sentido de percibir cómo las imágenes y conceptos presentes en este cuento revelan elementos de la psique humana. El cuento analizado, a saber, *A Mulher e a Filha bonita*, a partir de la envidia materna, presenta diversos temas presentes en la psique femenina, entre los que destacan el deseo de convertirse en compañera y madre, deseos que requieren madurez y cambios internos importantes, los cuales son visualizados en los embates de la protagonista a lo largo de la construcción de la narrativa. Lo que resulta evidente a partir del análisis desarrollado es una transformación de la niña en mujer, pues la protagonista enfrenta desafíos, dilemas y crisis que culminan en transformaciones y en la maduración de su personalidad a lo largo de su jornada.

Palabras clave: Psicoanálisis; Cuento popular; Femenina.

1. Introdução

Era uma vez. Sapatos enfeitados, anões, ladrões, caixões de vidro, bruxas e feiticeiras que vivem nos bosques, madrastas e princesas mal-intencionadas, mães e filhas, madrastas e órfãs. Histórias populares que todos ouvimos e com as quais todos crescemos e que nos foram repetidas várias vezes. Os contos de fada e outras narrativas de formato semelhante têm imenso significado psicológico para crianças (Pulimeno et al., 2020), adolescentes (Wee et al., 2019) e mesmo adultos, em diferentes estágios de suas vidas (Bastos, 2015). Essas histórias conversam, orientam e ajudam seus leitores e ouvintes a lidarem com as questões da vida real e cotidiana (Bettelheim, 2003; Corso & Corso, 2006). No entanto, é preciso destacar que, essas mesmas histórias, frequentemente, trazem a figura da mulher como o centro dos conflitos, dilemas e desafios a serem vividos, encarados e superados (Barsotti, 2015; Griessel & Kótze, 2022).

A vida se traduz por meio de narrativas e histórias ficcionais, pois elas trazem comportamentos humanos revestidos de imaginação, sentimentos e emoções (Barsotti, 2015; Violetta-Eirini, 2016). Você pode lembrar-se de coisas que aconteceram a você com clareza ou com dificuldade, dependendo da idade que tinha (Hogan, 2003). Sua família pode contar a você e a outras pessoas como um determinado episódio ocorreu. Nossas histórias sobrevivem por meio da narrativa oral, a qual faz parte de nossas vidas, lembranças e cotidiano (Violetta-Eirini, 2016). Nesse contexto, os contos que lemos ou ouvimos também tiveram sua origem na oralidade antes de alcançar a forma escrita e ganhar os contornos literários (Zipes, 2013).

A busca por estudos que abordem o uso de narrativas e sua associação com a Psicanálise permite a verificação de que há novas possibilidades para estudos e pesquisas que versam sobre contos de fadas, contos populares e narrativas fantásticas (Bettelheim, 2003; Borges & Rodrigues, 2018; Corso & Corso, 2006; Radino, 2001). Estes estudos evidenciam que as narrativas não têm uma preocupação em dar conta da realidade, isto é, não há um compromisso com o real (Barsotti, 2015). No entanto, mesmo não se comprometendo com o real, tais histórias abordam, por vezes, situações presentes nas fantasias e dramas de seus leitores e ouvintes (Hohr, 2000). Como os contos de fadas e os contos populares seguem a heroína ou o herói à medida que passam por períodos de escuridão para a transformação, pode-se dizer que essas histórias clássicas codificam padrões que permitem a restauração de um funcionamento após um crescimento e/ou florescimento, que só é possível por causa dos desafios enfrentados (Violetta-Eirini, 2016).

As narrativas e histórias que nos contavam quando éramos crianças, seja em casa ou na escola, sempre tiveram o poder de marcar nossas emoções, capturar nossa atenção e, quem sabe, até contribuíram para que lidássemos com conflitos nossos. Além disso, o uso de narrativas como estratégia na clínica de psicoterapia tem uma longa tradição (Holmes, 2000), o que demonstra que esse trabalho com a linguagem também está presente em atendimentos psicológicos (Hohr, 2000). Nesse contexto, há muitos estudos desenvolvidos pela Psicanálise que demonstram as razões pelas quais os contos de fadas ultrapassaram séculos mantendo o interesse não apenas do público infantil, mas de adolescentes e adultos também (Bettelheim, 2003; Corso & Corso, 2006; Schanoes, 2016).

Nota-se que os contos podem representar um importante canal de comunicação e expressão, por meio do qual seus leitores ou ouvintes vão construindo e reconstruindo sua subjetividade (Margison, 2020; Radino, 2001). Além disso, alguns

terapeutas sugerem que o processo de terapia deve ser compreendido como uma narração dentro da relação entre paciente e terapeuta (Grafanaki & McLeod, 1999; Holmes, 2000; Pennebaker, 2000). Tratam-se de narrativas de histórias que falam e comunicam os dramas e fantasias vivenciados pelas crianças e adolescentes, os quais não se limitam aos contos de fadas, incluindo contos, como os populares brasileiros, os quais expõem dramas e fantasias de forma simbólica.

Histórias são importantes na vida de todos e mais importantes para a vida das crianças e adolescentes, pois crescem estudando e lendo essas narrativas (Pulimeno et al., 2020; Wee et al., 2019). No entanto, não deixam de ser importante na vida de adultos também (Bastos, 2015). Como pontuou Gutfreind: “Narrar pode ser, enfim, melhorar” (Gutfreind, 2003, p. 111). Crianças, adolescentes e adultos ganham uma noção de quem são por meio de narrativas, da narração de histórias para si mesmos e para os outros sobre o que aconteceu com eles (Margison, 2020). Nessa perspectiva, por extensão, eles formam suas identidades por intermédio da integração de suas histórias familiares com os contos de culturas diferentes, incluindo a sua própria (Koutsompou, 2016). Os contos, de fadas ou populares, bem como as narrativas míticas acompanham a heroína ou o herói à medida em que estes passam por períodos de escuridão para transformação e crescimento posteriores, pode-se dizer que essas histórias clássicas apresentam a jornada de suas personagens como caminhos a serem percorridos para que ocorra o desenvolvimento psicológico (Violetta-Eirini, 2016).

Em relação à imagem feminina presente em tais narrativas, Borges e Rodrigues (2018) destacam a sobrevivência de matrizes culturais femininas provenientes de contos de fadas, contos populares e outras histórias do gênero. De acordo com os autores, há uma tradição de representar a mulher como doce, recatada e relacionada ao amor puro (Borges & Rodrigues, 2018). A beleza está sempre presente como importante artifício na conquista do desejo masculino. Além disso, os pesquisadores também apontam que caridade e obediência são, geralmente, pontos fortes nas narrativas com protagonistas femininas (Borges & Rodrigues, 2018). Os contos são, portanto, importantes na formação e construção da identidade feminina ao longo dos séculos, pois essas características e as imagens de idealização feminina subsistem ao tempo histórico e social (Griessel & Kótze, 2022).

Este artigo fornece ao leitor informações sobre a importância dos contos dentro da psicologia, focalizando o domínio da psicanálise, tendo como objetivo principal apresentar uma análise feita a partir da leitura de um conto popular brasileiro, o qual tem sua origem em contos de fadas europeus (Romero, 1954). Essa análise do conto será feita a partir da lente da psicanálise, com base em abordagens e autores que pesquisam as ligações entre o universo das histórias e sua ligação com a psicanálise. Assim, a finalidade deste artigo é desenvolver uma análise do conto popular brasileiro *A Mulher e a Filha Bonita* sob a perspectiva dos significados implicados na jornada da protagonista, enfatizando as diferentes fases que compõem a trajetória de transformação da menina em mulher, passando pelos papéis de filha, esposa e mãe.

2. Metodologia

A intenção deste estudo é propor uma aproximação teórica com a psicanálise para um conto popular brasileiro, conhecido como “A mulher a filha bonita”, recolhido pelo Sílvio Romero (1851-1914), mas publicado em (1954). Nesta perspectiva, o presente estudo é de natureza bibliográfica e propõe a análise psicanalítica do conto popular já mencionado sob o enfoque psicanalítico lastreado, principalmente, no arcabouço teórico elaborado por Bettelheim (2006), Corso e Corso (2006) e Chevalier e Guerberant (2008), pois os mesmos se debruçaram sobre as aproximações entre histórias, imagens psicológicas e símbolos.

3. Resultados e Discussão: O diálogo da psicanálise com o conto *A Mulher e a Filha Bonita*

As narrativas têm o poder de tocar em emoções, sentimentos e elementos psíquicos que nos tornam humanos, os quais, por vezes, não estão presentes de forma consciente em nossas mentes (Margison, 2020). Esses mesmos elementos e

sentimentos são muitos e variados para serem controlados o tempo todo (Carvalho, 2009). Entretanto, a literatura, em especial os contos, têm a especificidade de abordar problemas humanos universais, sobretudo por meio de personagens que retratam dramas humanos com base em conceitos psicanalíticos.

Através dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos – passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. (Bettelheim, 2003, p. 14)

Do trecho acima, compreende-se que há muito tempo as narrativas – contos de fadas, contos fantásticos, contos populares, mitos, lendas, entre outros – vêm trazendo à tona fantasias, dramas, medos e sentimentos humanos que de outra forma estariam encobertos. Além disso, essas histórias também podem falar para todos os níveis da personalidade humana, desde a infância até a vida adulta. Nessa perspectiva, o conteúdo presente no conto não cumpre apenas um papel de fruição da leitura ou de ludicidade, mas também tem a função de guiar o seu leitor ou ouvinte por um caminho de reflexão sobre sua humanidade, suas fantasias, medos e aspectos que compõem sua identidade (Griessel & Kótze, 2022).

O conto selecionado para a análise trata da história de duas mulheres, a mãe e a filha. É interessante notar que neste conto as personagens não possuem nome próprio à semelhança de outros contos e histórias (Carvalho, 2009). Há, entretanto, a vivência de papéis femininos universais, que abordam a mulher e sua relação com a beleza, a mulher e o casamento e a mulher e a maternidade. Nesse contexto, a análise se propõe a pensar sobre as situações vivenciadas e apresentadas no texto como presentes na vida de mulheres, independentemente de características pessoais, abarcando um plano mais geral.

Como já mencionado anteriormente os contos têm a possibilidade de apresentar as relações humanas de forma atemporal, pois tratam da psique, narrando histórias de jornadas que culminam em crescimento e transformação da personalidade (Zehetner, 2013). É interessante que o conto analisado apresenta uma narrativa que envolve a história entre uma filha e sua mãe, a qual já está vivenciando uma fase de viuvez, mas que passa a se incomodar com o fato de beleza de sua filha despertar admiração em outros, infelizmente, esse incomodo ganha o status de ódio o qual é atravessado por uma inveja. Como pode-se perceber no decorrer da história: “Um dia, passando em casa delas uns viandantes, a mulher lhes disse: “Os senhores já viram uma cara mais formosa do que a minha?” Eles responderam: “É muito bela; mas a sua filha ainda é mais”. A mulher ficou desesperada e foi tomando ódio à filha” (Romero, 1954, 213). Aqui é a beleza feminina que inicia uma jornada de mudanças, as quais são causadas pelo medo e insegurança da mãe em relação a própria aparência (Mazurega, 2019). É interessante notar que quem baliza esse sentimento e a definição desse quadro é o olhar e desejo masculino (Novaes & Vilhena, 2003). Isso porque são as personagens masculinas que decidem quem é a mais bela, uma vez que a mãe, mesmo considerando-se bela, aprecia muito mais a opinião de uns “viandantes”, no caso viajantes, do que a sua própria (Silva & Rey, 2011).

Destaca-se também que a opinião de alguém de fora é importante para a definição do que é valorizado como belo, não basta sentir-se bela, é necessário ter o reconhecimento dessa beleza (Novaes & Vilhena, 2003; Silva & Rey, 2011). Neste contexto, a mãe, aquela que sai desfavorecida pela apreciação masculina direciona seu ressentimento e ódio àquela que foi enaltecida, no caso, sua filha.

A madrasta dos contos de fadas tem uma função extra, ela reconhece a supremacia da beleza da mais jovem. Se nos referimos à madrasta, compreendemos que agora se trata de uma disputa entre mulheres, em que a jovem ganha um lugar na categoria, e a inveja da mulher mais velha é testemunha da importância dessa conquista (Corso & Corso, 2006, p. 113).

Nesse conto, a mãe, que figura como a mulher mais velha, percebe não conseguir mais manter seu controle e poder de sedução sobre o gênero masculino, isto é, nota que perdeu o posto de a mais bonita para sua filha na perspectiva avaliativa composta pelo sexo oposto (Silva & Rey, 2011). Além disso, está perdendo também o seu posto para a filha, a qual representa uma mulher mais nova, com o viço da beleza. Essa consciência da mulher mais velha é muito importante, uma vez que indica que a moça já é ou está tornando-se uma mulher (Ceccarelli, 2017). Em uma perspectiva mais ampla, neste conto, pode-se dizer que a mãe assume o papel de madrasta: má e invejosa (Bettelheim, 2003).

No decorrer do conto, alguns acontecimentos vão desenhando a personalidade da filha, a qual vai, progressivamente, tornar-se uma mulher (Griessel & Kótze, 2022). À semelhança de *Branca de Neve* (Girardot, 1977), esse conto também narra alguém na posição de progenitora, a mãe, com um comportamento semelhante ao da madrasta da história *Branca de Neve* (Girardot, 1977), pois ela solicita, inicialmente, a um empregado que de cabo da vida de sua filha, e ele, não tendo coragem de realizar esse assassinato, deixa a filha fugir, o que resulta em uma entrega ao destino.

Não satisfeita com a ausência física da sua filha, ao descobrir que ela não está morta, a mãe, decide contratar uma feiticeira para matá-la. No entanto, ao invés de parar na casa de anões, nesse conto brasileiro, a filha encontra um grupo de bandidos e passa a ajudar nos afazeres domésticos do local onde estes se refugiam e buscam descanso. Aqui fica evidente a obediência e o comportamento feminino associado à limpeza da casa (Borges & Rodrigues, 2018), trazendo uma reflexão a respeito do papel de gênero da mulher na sociedade, a qual é relegada ao lar, historicamente (Assis et al., 2020). No decorrer da história, entretanto, a feiticeira contratada por sua mãe lança um feitiço que faz todos acreditarem que ela está morta. Nesse contexto, os ladrões, temendo que algum mal terrível recaia sobre a casa ou vida deles, decidem largar o corpo da bela filha na floresta.

Até esse momento da narrativa não havíamos nos deparados com ninguém da realeza, mas, está para entrar em destaque a figura de um príncipe que se apaixonará pela filha bonita. Nesse trecho retomasse a relação da figura feminina com a beleza em contos (Borges & Rodrigues, 2018). Esse príncipe, à semelhança das outras personagens do conto, também não possui um nome, sendo apenas designado de príncipe e filho do rei.

De acordo com Filha (2011) a figura do príncipe e da princesa, dentro das histórias e contos, tendem a carregar elementos simbólicos e representativos, tais como o ideal de masculinidade e feminilidade, bem como conflitos familiares, além de questões associadas aos desafios e as maldades que mobilizam as relações interpessoais. Esse príncipe, em certa medida, tem a função de representar aquele que terá parte no processo de transformação e crescimento da personagem representada pela filha. Assim, um príncipe, enquanto estava a andar por essa mesma floresta, depara-se com o corpo da bela filha:

Um filho do rei, que andava caçando, encontrou o carro e abriu o caixão, e vendo a moça, ficou tão enamorado que, em lugar de a enterrar, a levou para o palácio e a guardou no seu quarto com toda a riqueza que encontrou. E a moça sempre a dormir e o príncipe quase doido de paixão (Romero, 1954, p. 215).

Percebe-se que a moça conquista o príncipe por seus atributos externos, isto é, por sua qualidade físicas e atrativas, pois ao mesmo tempo em que é levada ao seu palácio e aos seus aposentos, permanece em sono profundo, sendo a beleza o artifício de sedução nesse caso (Borges & Rodrigues, 2018). Neste conto popular analisado, diferente de outras histórias semelhantes, o casamento não ocorre na sequência do encontro entre o príncipe e a jovem filha, nem representa o final da narrativa. E essa quebra traz um outro incremento para a história que permite maior desdobramento para o desenvolvimento psicológico da protagonista.

Apesar da paixão despertada no príncipe, há a necessidade de uma transformação da jovem, já que, geralmente, as personagens que vivenciam períodos de sono profundo ou morte reversíveis, acordam ou voltam diferentes, como se

estivessem mais maduras (Corso & Corso, 2006). Aqui, a futura “cunhada” aparece para ser aquela responsável por descobrir como trazer ela à vida. “Chegou, abriu o caixão e viu a moça e achou tão bonita e estranhou que ela estivesse com uns sapatinhos tão feios de couro. Puxou os sapatos e a moça suspirou e sentou-se pedindo água” (Romero, 1954, p. 215).

Nesta história, são os sapatos que precisam ser retirados para que a moça conclua seu processo de amadurecer e seguir adiante, afinal, os pés nos movem para frente em nossa jornada e essa metáfora é clara no conto. Os sapatos também podem estar associados às imagens de transição e mediação entre o universo interno da pessoa e seu ambiente externo (Pinheiro, 2020). Às vezes o descolamento pode ser doloroso, mas é inevitável e importante para o crescimento (Simões & Oliveira, 2021; Pinheiro, 2020). Após ela voltar a vida e o príncipe descobrir isso, há a passagem para o esperado encontro entre o casal que deseja viver plenamente seu amor. Apesar de um conto curto, já na sequência, o príncipe casa-se com a filha bonita e esta logo engravida. Essa gravidez não é algo tão comum em contos de fada, pois, geralmente, as histórias terminam com o casamento e as continuações cinematográficas é que trazem os filhos do casal como continuação da história (Borges e Rodrigues, 2018).

No fim dos nove meses ela deu à luz a dois meninos, a coisa mais linda que dar-se podia. Mas veio servir de parteira justamente a feiticeira que tinha lhe dado os sapatos e, em lugar dos dois meninos, apresentou um sapo e uma jia. O príncipe andava ausente em umas guerras e o pai lhe mandou dar parte do acontecido. O príncipe mandou dizer ao pai que matasse a mulher; mas o rei teve pena e apenas lhe cortou um dos peitos e a expulsou de casa (Romero, 1954, p. 216).

Diferentemente de outros contos, esse não termina com o casamento, antes confere prosseguimento a outras fases da vida adulta, como a chegada dos filhos. No entanto, mais uma vez, a feiticeira, que em certa medida representa o desejo de aniquilação da mãe (Bettelheim, 2003), aparece na tentativa de impedir que a moça de continuidade a sua jornada de tornar-se mulher, mãe e esposa. O príncipe andava ausente, esse trecho apresenta a separação abrupta do casal logo após o casamento e da gravidez. “Se existem temas repetidos, espécie de invariantes, cem contos populares e também nos modernos, um deles é a separação, com ou sem abandono” (Gutfreind, 2003, p. 175). O príncipe mandou alguém dizer ao pai, faça isso ou aquilo, pois ele estava muito ocupado se ausentando e não se certificando da veracidade ou totalidade da história. Contudo, o rei, basicamente a única figura paterna estabelecida, tendo em vista que seu filho ainda não se sentia pai, ficou desgostoso com o desenrolar do quadro, por fim, acaba tendo piedade da moça, não a sacrifica, mas corta um dos seus seios.

“O seio é sobretudo símbolo de maternidade, de suavidade, de segurança, de recursos. Ligado à fecundidade e ao leite – o primeiro alimento –, é associado às imagens de intimidade, de oferenda, de dádiva e refúgio” (Chevalier & Gueerbrant 2008, p. 809). Nesse contexto, a moça, mesmo casando e gerando filhos, não se sente segura como mulher. Pois em um momento relevante, como o nascimento dos filhos, por exemplo, ela permite que a feiticeira tome as rédeas da situação, a qual deveria ser dirigida por ela. Desse modo, a expulsão representa uma possibilidade de crescimento individual importante para que ela pudesse vir a tornar-se mulher, esposa e mãe (Kretchmar & Jacobvitz, 2002; Mercer, 2004).

“A moça saiu pelo mundo afora; tendo muita sede chegou a uma fonte e bebeu água; passou água no peito e o peito tornou a crescer” (Romero, 1954, p. 216). Mais uma ocasião na qual a jovem é afastada de seu então lar por outros membros que lá residem, porém desta vez, não se depara com pessoas que a ajudam, mas com necessidades suas e a fonte para saciá-la. Essa fonte de água não apenas lhe sacia a sede, mas também lhe restitui o seio. Sob outra perspectiva, a moça tem o seu seio restabelecido, representando a sua feminilidade, tão logo ela ganha o mundo, consegue descobrir por ela mesma uma fonte de vida, na qual ela tem sua sede saciada. A água apresenta diversos simbolismos (Chevalier & Gueerbrant 2008, p. 57). Portanto, pode-se assinalar que, para a jovem, a água simboliza uma busca necessária, mesmo que ela não esteja completamente consciente disso.

“Aí ela seguiu viagem e foi ter à casa de um gigante e tomou um racho lá com os seus dois filhos, porque os filhos a feiticeira lhe entregou” (Romero, 1954, p. 216). Os filhos retirados no lar, são prontamente devolvidos após a restituição do seio e conhecimento do mundo afora. É como se ela tomasse consciência das mudanças advindas com a maternidade, podendo, enfim, deixar de ser cuidada para tornar-se a cuidadora (Mercer, 2004).

Andando o príncipe em caçadas, passou pela casa do gigante e viu os dois meninos e tomou por eles muita afeição. Noutros dias, passava pela casa do gigante, até que um dia viu a sua mulher. Muito se arrependeu do que tinha feito e tornou a viver com ela, mandando matar a feiticeira (Romero, 1954, p. 216).

Após o casamento, o príncipe havia se ausentado para uma guerra e a sua jovem esposa não havia se descoberto como mulher madura para enfrentar todas as mudanças dessa nova fase. Dito de outra forma, eles não haviam se tornado um casal de fato. Em uma perspectiva mais ampla, no momento em que a moça passou por um período de amadurecimento, coube ao príncipe enxergá-la de outra maneira. Desse modo, ambos se sentiram preparados para, finalmente, lidar com as novas mudanças e seguir seus caminhos, juntos. Tatar (2004, p.10) comenta:

No curso das últimas décadas, os psicólogos infantis recorreram a contos de fadas como poderosos veículos terapêuticos para ajudar crianças e adultos a resolver seus problemas meditando sobre os dramas nele encenados. Cada texto se torna um instrumento facilitador, permitindo aos leitores enfrentar seus medos e desembaraçar-se de sentimentos hostis e desejos danosos. Ingressando no mundo da fantasia e da imaginação, crianças e adultos garantem para si um espaço seguro em que os medos podem ser confrontados, dominados e banidos. Além disso, a verdadeira magia do conto de fadas reside em sua capacidade de extrair prazer da dor. Dando vida às figuras sombrias de nossa imaginação como bichos-papões, bruxas, canibais, ogros e gigantes, os contos de fadas podem fazer aflorar o medo, mas no fim sempre proporcionam o prazer de vê-lo vencido (Tatar, 2004, p. 10).

A análise desenvolvida demonstrou que, embora essas histórias sejam, inicialmente, dirigidas às crianças, também são responsáveis por capturar vivências e experiências desafiadoras da vida adulta. O conto *A Mulher e da Filha Bonita* (Romero, 1954) apesar de curto, consegue explorar de forma interessante como a mulher se relaciona com a beleza, com o casamento e com a maternidade, sem idealização da figura masculina, apontando para as transformações necessárias, as perdas no caminho e ao novo trajeto após a jornada rumo a exploração dos papéis femininos.

Portanto, no momento em que eles conseguem trazer todos esses fatos a consciência, enxergando um ao outro e deixando para trás o seu passado, simbolizado com a morte da feiticeira, eles eliminam aquele elemento que trazia insegurança e tanta confusão, prosseguindo com seus desejos e realizando-os em sua caminhada no plano individual e conjugal.

4. Considerações Finais

O principal propósito do artigo foi demonstrar que os contos populares brasileiros, assim como muitos contos de fadas, representam fértil ambiente para aproximações com conceitos e definições referentes à psicanálise. Para tanto, foi selecionado um conto recolhido da tradição oral por Silvio Romero (1954), *A mulher e a filha bonita*. Em relação à análise, baseou-se nas ideias e arcabouço teórico elaborado por Bettelheim (2006), Corso e Corso (2006) e Chevalier e Gueerbrant (2008), pois os mesmos se debruçaram sobre as aproximações entre histórias, imagens psicológicas e símbolos. Ao realizar a análise conto citado, ficou claro que essas narrativas podem ser tão produtivas quanto os contos de fadas no que tange a aproximação com conceitos psicanalíticos.

Em *A mulher e a filha bonita*, por sua vez, o conto demonstrou que uma história não precisa terminar no casamento, pois surgem novos desafios a partir deste, no caso a maternidade e companheirismo do casal frente às mudanças desencadeadas pela vinda dos filhos. Além disso, nem sempre é a madrasta que cumpre o papel de má e invejosa, pois esse pode também ser desempenhado pela mãe.

O conto de fadas, por outro lado, em grande parte resulta do conteúdo comum consciente e inconsciente tendo sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em especial, mas do consenso de várias do que consideram problemas humanos universais, e o que aceitam como soluções desejáveis. (Bettelheim, 2003, p. 46)

Os temas, as personagens e as situações apresentadas no conto popular explorado apontam, de fato, para assuntos presentes no nível do inconsciente (inveja, desejos reprimidos, medos) que se tornaram conscientes dentro da história. Essa conscientização, por seu turno, permitiu a superação de questões internas complexas das personagens, as quais não teriam sido vencidas se não fossem contadas e narradas, pois o leitor é testemunha dos desafios e dificuldades enfrentados pela protagonista do conto para dar lidar com questões pendentes e alcançar a maturidade dentro de novas fases de vida.

Diante do exposto aqui, sugere-se que outros estudos sejam realizados envolvendo a temática da psicanálise aplicada aos contos populares brasileiros, pois a maioria dos estudos ainda se concentra nos contos de fadas. Aquelas narrativas trazem elementos simbólicos representativos da psique e do desenvolvimento humano e permitem uma análise para além de fases como o casamento, como foi o caso deste estudo. Além disso, é uma forma de trazer ao conhecimento da população brasileira a riqueza da nossa cultura em termos de narrativas.

Portanto, resgatar os contos populares brasileiros sob o viés da psicanálise é possível e interessante, pois possibilita a análise de conteúdos que remetem à humanidade e que muitas vezes são ignorados ou evitados. Por outro lado, esses mesmos conteúdos devem ser trazidos ao plano consciente, como nas histórias de modo que as personagens se permitam crescer e passar por transições necessárias à travessia de suas vidas, avançando para o desenvolvimento e amadurecimento de suas personalidades. Essa primeira aproximação dos contos populares brasileiros com a psicanálise aponta também para uma necessidade de investigações e pesquisas a serem empreendidas, tendo em vista que se trata de um campo fecundo e pouco explorado.

Referências

- Assis, N. D. P. D., Visintin, C. D. N., Borges, A. D. A. B., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2020). Mulher, mãe e filha cuidadora: imaginários coletivos sobre relações intergeracionais. *Psicologia Clínica*, 32(2), 213-230.
- Barsotti, S. (2015). The fairy tale: recent interpretations, female characters and contemporary rewriting. Considerations about an “irresistible” genre. *Ricerche Di Pedagogia E Didattica. Journal of Theories and Research in Education*, 10(2), 69–80. <https://doi.org/10.6092/issn.1970-2221/5356>
- Bastos, G. M. (2015). *A importância dos contos de fadas na infância*. Trabalho de conclusão de curso. Programa da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília.
- Bettelheim, B. (2003). *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Borges, H. P., & Rodrigues, R. F. (2018). A tradição dos contos de fadas e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, 15(2), 109-127. 10.5007/1807-1384.2018v15n3p109
- Carvalho, R. Z. (2009). *Contos de Fadas: Um percurso histórico-Literário das imagens da mulher*. Dissertação de mestrado – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ceccarelli, P. R. (2017). Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de Psicanálise*, (48), 135-145.
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2006). *Dicionário de Símbolos*. José Olympio.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2006). *Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Artmed.
- Filha, C. (2011). Era uma vez uma princesa e um príncipe: representações de gênero nas narrativas de crianças. *Estudos Feministas*, 19(2), 591-603. <http://www.jstor.org/stable/24327959>
- Girardot, N. J. (1977). Initiation and Meaning in the Tale of Snow White and the Seven Dwarfs. *The Journal of American Folklore*, 90(357), 274-300.
- Grafanaki, S., & McLeod, J. (1999). Narrative processes in the construction of helpful and hindering events in experimental psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 9(3), 289-303.
- Griessel, L., & Kotzé, M. (2022). The Psychological Pattern and Types of the Puella Aeterna in Post-modern Women. *Psychological Studies*, 1-10.
- Gutfreund, C. (2003). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Hogan, P. C. (2003). *The mind and its stories: Narrative universals and human emotion*. Cambridge University Press.
- Holmes, J. (2000). Narrative in psychiatry and psychotherapy: the evidence? *Journal of Medical Ethics*, 26: 92-96.
- Hohr, H. (2000). Dynamic aspects of fairy tales: Social and emotional competence through fairy tales. *Scandinavian journal of educational research*, 44(1), 89-103.
- Koutsompou, V. E. (2016). The Child and the Fairy Tale: The Psychological Perspective of Children's Literature. *International Journal of Languages, Literature and Linguistics*, 2(4), 213-218.
- Kretchmar, M. D., & Jacobvitz, D. B. (2002). Observing mother-child relationships across generations: Boundary patterns, attachment, and the transmission of caregiving. *Family Process*, 41(3), 351-374.
- Margison, F. (2020). *Idiomatic Expressions and Somatic Experience in Psychoanalysis: Relational and inter-subjective perspectives*: by Ravit Raufman, London, Routledge, 2018, 130 pp.
- Mazurega, J. C. (2019). *Um olhar psicanalítico sobre o padrão de beleza feminino na atualidade*. 25pp. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Atibaia. Centro Universitário UNIFAAT.
- Mercer, R. T. (2004). Becoming a Mother Versus Maternal Role Attainment. *Journal of Nursing Scholarship*, 36(3), 226-232.
- Novaes, J. V., & de Vilhena, J. (2003). De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura. *Interações*, 8(15), 9-36.
- Pennebaker, J. W. (2000). Telling stories: the health benefits of narrative. *Literature and Medicine*, 19: 3-18.
- Pinheiro, I. M. (2020). Sapatos e ritmos dos passos: notas sobre "Preciosidade", de Clarice Lispector. *Revista da Anpoll*, 51, 75-82.
- Pulimeno, M., Piscitelli, P., & Colazzo, S. (2020). Children's literature to promote students' global development and wellbeing. *Health Promotion Perspectives*, 10(1), 13.
- Radino, G. (2001). Oralidade, um estado de escritura. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 73-79.
- Romero, S. (1954). *Contos Populares do Brasil*. José Olympio.
- Schanoes, V. L. (2016). *Fairy tales, myth, and psychoanalytic theory: Feminism and retelling the tale*. Routledge.
- Silva, H. C. D., & Rey, S. (2011). A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico. *Psicologia: ciência e profissão*, 31, 554-567.
- Simões, D. S. C., & de Oliveira, L. R. (2021). A perspectiva psicanalítica do conto de fadas cinderela. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, 2(10), e210733-e210733.
- Tatar, M. (2004). *Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada*. Jorge Zahar.
- Violetta-Eirini, K. (2016). The child and the fairy tale: The psychological perspective of children's literature. *International Journal of Languages, Literature and Linguistics*, 2(4), 213-218.
- Wee, S. J., Kim, K. J., & Lee, Y. (2019). 'Cinderella did not speak up': critical literacy approach using folk/fairy tales and their parodies in an early childhood classroom. *Early Child Development and Care*, 189(11), 1874-1888.
- Zehetner, A. (2013). Why fairy tales are still relevant to today's children. *Journal of Paediatrics and Child Health*, 49(2), 161-162.
- Zipes, J. (2013). *Why fairy tales stick: The evolution and relevance of a genre*. Routledge.